

"É DIFÍCIL OUVIR-ME"

A vida de Carlos Eduardo, Kalú, baterista dos Xutos & Pontapés, que, aos 54 anos, lança o primeiro álbum a solo, "Comunicação"

A minha memória musical mais antiga é da minha mãe ao piano, tinha eu 5 anos. A minha mãe e os meus tios são brasileiros, era sempre uma festa. Qualquer caixinha de fósforos servia para fazer ritmo... Aos 8 anos, na casa do Douro do meu avô, por altura das vindimas, faltou o homem do bombo no rancho e eu substituí-o. A primeira vez que me sentei atrás de uma bateria foi num casamento de um tio no Casino de Espinho. Aquilo marcou-me. Hoje, tenho sete baterias — e todas têm nome. Faço um batismo e tudo, com um shot de whisky...! É a Maria, a Marlene, a Morena, a Magda, a Metaleira, a Marta, a Miri e a Mónica. Na verdade, estas são as tarolas. As baterias têm todos nomes começados por x: Xaputa, Xuxa, Xuxu, Xer, Xanadu e Xeila. A minha preferida é a Xeila.

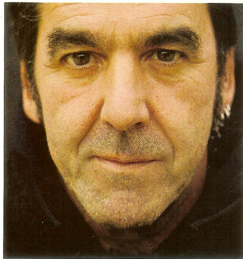
Com 14 anos compus a primeira música, para os meus irmãos. Somos 13, seis rapazes e sete raparigas. Repartíamos os quartos dois a dois — eu estava com o Rui, o "nº 9". Aos 15, escolhi ter um quarto só para mim — o quarto da costura. A composição acaba por ter muito a ver com isso. O meu irmão Edmundo, que tinha uma banda, também



A PRIMEIRA VEZ "NA CASA DO MEU AVÔ, NAS VINDIMAS, FALTOU O HOMEM DO BOMBO DO RANCHO, E EU SUBSTITUI-O. TINHA 8 ANOS"

de uma greve e fotografou-me a varrer o chão. "Você não é o Kalú, dos Xutos?", perguntaram. Poderia ter seguido a vida do "Patrão Carlos", como os trabalhadores me chamavam. A capa do "Circo de Feras" foi tirada no telhado da fábrica. Nos Xutos, não há nada que a malta não tenha feito. Mas nunca fui de me afundar no álcool ou nas drogas, até porque no dia seguinte tinha que estar cedo no trabalho. Eu é que era o condutor, portanto não me podia "esticar"... Também fui pai cedo. Aos 20 anos, fruto de uma grande paixão. O Fred, que tem hoje 31, é um excelente baterista, dos Buraka Som Sistema e dos Orelha Negra. Não foi por causa de mim, que sou um péssimo professor, muito chato e exigente. Ele é muito mais versátil. Neste disco, o meu filho do meio, o Vasco (de 27 anos), escreveu as letras. A única escrita por mim ("Pela Noite Dentro") foi incentivada pelo mais novo, o Max.

É uma sorte arranjar assim quatro amigos (os Xutos) e mantermo-nos juntos este tempo todo... Hoje, se estamos 15 dias sem falar ficamos logo cheios de saudades... Uma vez, em 1990, estivemos quase para acabar. Tínhamos gravado um disco que não correu nada bem ("Gritos Mudos") e levámos um grande rombo financeiro. Estivemos seis meses sem ensaiar. Até que nos juntámos e fomos para uma casa isolada em Sintra. Limpámos tudo e dissemos o que tínhamos a dizer. Este disco, "Comunicação", nasce de músicas compostas para os Xutos que não entraram nos discos. Têm dois anos e meio de gaveta. É difícil ouvir-me. Tenho voz de cana rachada — o meu médico diz que é um defeito numa corda vocal, como o Joe Cocker. Apesar de vivermos na era dos media, comunicamos cada vez menos. Não ouço do ouvido direito. No concerto dos 25 anos, saí de palco a sangrar do nariz. Fui ao médico e ele disse que tinha perdido a audição por completo. Gosto muito de cozinhar. Faço bem cataplanas, e bolos, embora não goste de os comer. Adorava viver num barco. Fui muitas vezes buscar o meu avô à doca de Alcântara, quando chegava de barco do Brasil. Isso marcou-me. ● KATYA DELIMBEUF



FOTOGRAFIAS DE JORGE SOARES

foi uma grande influência. Dos 13 aos 20 anos, vivíamos numa casa grande no Restelo. Eu era o outsider no meio dos betinhos.

Há tanta coisa que acontece por acaso... Se tivesse respondido àquele anúncio para hotelaria na Suíça, no meu primeiro *inter-ruil*, não teria tido a mesma vida. Depois respondi ao anúncio dos Xutos, e foi assim que comecei. Há 34 anos. Ainda trabalhei oito anos como encarregado na fábrica de cortiça do meu pai, no Montijo, e depois na administração. Foi nessa altura que me aproximei mais dele. Uma vez, o Expresso foi à fábrica por ocasião